

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural

Atena
Editora
Ano 2020

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação em suas dimensões pedagógica, política, social e cultural
1 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de
Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-27-6

DOI 10.22533/at.ed.276201302

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação – Inclusão social. I. Monteiro, Solange Aparecida de
Souza.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Brinquedo que for dado, criança brinca
brincando com fardado, criança grita
mas se leva pro sarau, a criança rima
(Carnevalli, Rafael, 2015)

A Educação, nas suas diversas dimensões, seja política, cultural, social ou pedagógica, é articular, acompanhar, intervir e executar e o desempenho do aluno/cidadão. As dimensões pedagógicas são capazes de criar e desenvolver sua identidade, de acordo com o seu espaço cultural, pois possuem um conjunto de normas, valores, crenças, sentimentos e ideais. Sobretudo, na maneira de conhecer as pessoas e conhecer o mundo, suas expressões criativas, tudo isto, é um espaço aberto para o desenvolvimento de uma Proposta Pedagógica adequada à escola e de acordo com o disposto na Lei no 9394/96, Título II, Art. 2o: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Diante das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, a escola vem sendo questionada acerca do seu papel nesta sociedade, a qual exige um novo tipo de trabalhador, mais flexível e polivalente, capaz de pensar e aprender constantemente, que atenda as demandas dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade. A escola deve também desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Para isso ela deve articular o saber para o mundo do trabalho e o saber para o mundo das relações sociais. No seu âmbito mais amplo, são questões que buscam apreender a função social dos diversos processos educativos na produção e reprodução das relações sociais. No plano mais específico, tratam das relações entre a estrutura econômico-social, o processo de produção, as mudanças tecnológicas, o processo e a divisão do trabalho, a produção e a reprodução da força de trabalho e os processos educativos ou de formação humana. Nesta nova realidade mundial denominada por estudiosos como sociedade do conhecimento não se aprende como antes, no modelo de pedagogia do trabalho taylorista / fordista fundadas na divisão entre o pensamento e ação, na fragmentação de conteúdos e na memorização, em que o livro didático era responsável pela qualidade do trabalho escolar. Hoje se aprende na rua, na televisão, no computador em qualquer lugar. Ou seja, ampliaram-se os espaços educativos, o que não significa o fim da escola, mas que esta deve se reestruturar de forma a atender as demandas das transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a vida social. A obra “A EDUCAÇÃO EM SUAS DIMENSÕES PEDAGÓGICA, POLÍTICA, SOCIAL E CULTURAL” em seus 04 volumes compostos por capítulos em que os

autores abordam pesquisas científicas e inovações educacionais, tecnológicas aplicadas em diversas áreas da educação e dos processos de ensino. Esta obra ainda reúne discussões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em educação, considerando perspectivas de abordagens desenvolvidas em estudos e orientações por professores da pós-graduação em educação de universidades públicas de diferentes regiões/lugares do Brasil. Essa diversidade permite aos interessados na pesquisa em educação considerando a sua diversidade e na aproximação dos textos percebe-se a polifonia de ideias de professores e alunos pesquisadores de diferentes programas formativos e instituições de ensino superior, podendo também cada leitor se perceber na condição de autor de suas escolhas e bricolagens teórico-metodológicas. Entendemos que esses dois caminhos, apesar de diferentes, devem ser traçados simultaneamente, pois essas aprendizagens não são pré-requisito uma da outra; essas aprendizagens acontecem ao mesmo tempo. Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado. Segundo a educadora Telma Weiz, “a leitura e a escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar à criança a cultura do grupo em que ela vive”. Este desafio requer trabalho planejado, constante e diário, além de conhecimento sobre as teorias e atualizações. Enfim, pode-se afirmar que um dos grandes desafios da educação brasileira hoje é não somente garantir o acesso da grande maioria das crianças e jovens à escola, mas permitir a sua permanência numa escola feita para eles, que atenda às suas reais necessidades e aspirações; é lidar com segurança e opções políticas claras diante do binômio quantidade versus qualidade. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (GILLES DELEUZE, A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica) Finalmente, uma educação de qualidade tem na escola um dos instrumentos mais eficazes de tornar-se um projeto real. A escola transforma-se quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem vez se fazem ouvir, revertendo à hierarquia do sistema autoritário. Esta escola torna-se, verdadeiramente popular e de qualidade e recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes trabalhadoras para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional na sociedade.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
UMA ABORDAGEM ACERCA DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS PARA COMUNIDADE SURDA DE JATAÍ	
Kamilla Fonseca Lemes Garcia Andréia de Cássia Silva Machado Thábio de Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2762013021	
CAPÍTULO 2	11
A CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO CUBANA (1961): UMA PROPOSTA DE ESCOLARIZAÇÃO POPULAR COMO PRÁTICA EMANCIPADORA	
Dayane de Freitas Colombo Rosa Roseli Gall do Amaral da Silva José Joaquim Pereira Melo	
DOI 10.22533/at.ed.2762013022	
CAPÍTULO 3	26
A CONFECÇÃO DE <i>CARD GAMES</i> COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO PROGRAMA DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Thaís da Silva Santos Gabriel Soares Pereira Luciano Gomes da Silva Junior	
DOI 10.22533/at.ed.2762013023	
CAPÍTULO 4	36
A CONSTRUÇÃO DA LEI Nº 9.394/96: TRAJETÓRIA E IMPASSES POLÍTICOS	
Raryson Maciel Rocha Andrea Silva Domingues	
DOI 10.22533/at.ed.2762013024	
CAPÍTULO 5	49
A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS TÁTEIS PARA DEFICIENTES VISUAIS USANDO PAPEL MICROCAPSULADO	
Alex Santos de Oliveira Elton Rodrigues Cantão João Elias Vidueira Ferreira Maria do Perpétuo Socorro Sarmiento Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2762013025	
CAPÍTULO 6	58
A CONTRIBUIÇÃO DO LÚDICO NO PROCESSO DE ACOLHIMENTO DO EDUCANDO COM TDAH	
Lúcia Balbina de Souza Nunes Cristina de Fátima de Oliveira Brum Augusto de Souza Lucas Capita Quarto José Fernandes Vilas Netto Tiradentes Fábio Luiz Fully Teixeira Fernanda Castro Manhães	
DOI 10.22533/at.ed.2762013026	

CAPÍTULO 7	69
A EDUCAÇÃO DE SURDOS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR	
Rosimar de Jesus Souza Sepulchro	
DOI 10.22533/at.ed.2762013027	
CAPÍTULO 8	77
A ESCOLA MUNICIPAL BARRO BRANCO: UMA REFLEXÃO SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS DE AVALIAÇÕES EXTERNAS E O COTIDIANO ESCOLAR	
Vanessa SerafimdaSilva	
Bianca Silva Martins	
Israel Gonçalves Cardoso	
Juliana Luíza Pinto dos SantosTeixeira	
Moacir dos Santos da Silva	
Josely Ferreira Ribeiro	
Antônio Henrique Nunes Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.2762013028	
CAPÍTULO 9	88
A LUTA E A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DE “PAU A PIQUE” NO ASSENTAMENTO 14 DE AGOSTO EM ARIQUEMES- RO	
Maria Estélia de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.2762013029	
CAPÍTULO 10	104
A IMPORTÂNCIA DO SUPORTE DO PROFESSOR PARA OS ALUNOS QUE POSSUEM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM	
Danielle Souza Barbosa	
Rosa Vicentin	
Kelli Cristina Rodrigues Alves	
Stefane Aparecida Nascimento	
Tamires Costa Paula	
Valéria De Gregorio Santos	
Elizabeth Maria Souza	
Michele Ramos Marçal	
Liziria Gabriela Soares Ribeiro	
Cristiane Paganardi Chagas	
Elizabeth Maria Souza	
Josiane De Alves Barboza	
Zulmira Batista Ortega Bueno	
DOI 10.22533/at.ed.27620130210	
CAPÍTULO 11	113
A ORIGEM DO CONCEITO DE EDUCAÇÃO E SEU PAPEL COMO FORMADORA DO SER ÉTICO	
Lucas Toshitaka Yatsugafu Longo	
Pedro Calixto Ferreira Filho	
Devanir Pereira dos Santos Canovas	
DOI 10.22533/at.ed.27620130211	

CAPÍTULO 12 124

A OSTERFEST DA CIDADE DE POMERODE: UM PATRIMÔNIO CULTURAL COMO ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTO DE ESTÁGIO DO CURSO DE ARTES VISUAIS DA FURB NA MODALIDADE PARFOR

Adriana Schoeffel
Lilian Veronica Souza
Nildasia Santos de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.27620130212

CAPÍTULO 13 137

A PLURALIDADE CULTURAL ENSINADA NO CURRÍCULO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DA CRIANÇA NO AMAZONAS

Maria de Jesus Campos de Souza Belém
Bernardina Barbosa da Silva Martins

DOI 10.22533/at.ed.27620130213

CAPÍTULO 14 150

GÊNERO E SEXUALIDADE: PANORAMA DAS DISSERTAÇÕES E TESES NA ÁREA DE ENSINO E NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO GOIANOS

Mariana Lucas Mendes
Cristiane Maria Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.27620130214

CAPÍTULO 15 164

A PROFISSÃO DOCENTE NO SÉCULO XXI: CAUSAS E REFLEXOS DA DESMOTIVAÇÃO DOS PROFESSORES

Luiz Marles Gonçalves dos Santos
Lívia de Oliveira T. Dias Carvalho
Samantha Jesus dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.27620130215

CAPÍTULO 16 173

A PROVA BRASIL: DESAFIOS PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Eliane Brito de Lima

DOI 10.22533/at.ed.27620130216

CAPÍTULO 17 184

ACORDO BRASIL/ESTADOS UNIDOS: OS OBJETIVOS HEGEMÔNICOS DO MEMORANDO DE ENTENDIMENTO SOBRE EDUCAÇÃO/1997

Darllen Almeida da Silva
Norma-Iracema de B. Ferreira
kátia de Nazaré Santos Fonsêca

DOI 10.22533/at.ed.27620130217

CAPÍTULO 18 199

ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA O ALUNO COM TEA: SABERES DE PROFESSORES

Marcus Vinicius da Rocha Santos
Maria Camila da Silva

Najra Danny Pareira Lima
Mayanny da Silva Lima
Valeria Silva Carvalho
Thais Costa Medeiros
Mychelle Maria Santos de Oliveira
Thalia Costa Medeiros
Gilma Sannyelle Silva Rocha

DOI 10.22533/at.ed.27620130218

CAPÍTULO 19 209

ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA DAS PRÁTICAS DE LEITURAS CRÍTICO-REFLEXIVAS: JOGOS E BRINCADEIRAS

Antônia Janira Silva Salvaterra
Jacinto Pedro P. Leão
Rosemeire Ferrarezi Valiante
Sandra Andrea de Miranda

DOI 10.22533/at.ed.27620130219

CAPÍTULO 20 225

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO CEEJA DR. CLÁUDIO FIALHO: MEDIAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE

Jacinto Pedro P. Leão
Rosemeire Ferrarezi Valiante
Antônio Aguinivaldo Pereira Lima

DOI 10.22533/at.ed.27620130220

CAPÍTULO 21 239

ANÁLISE DA APLICAÇÃO DO TESTE FORMA MENTIS COMO EVIDÊNCIA DA POTENCIAL MENTALIDADE EMPREENDEDORA DOS JOVENS

Carmen Ivanete D'Agostini Spanhol
Breno Prado da Silva
Juliana Fick de Oliveira
Maria Clara Mahlke Ranoff

DOI 10.22533/at.ed.27620130221

CAPÍTULO 22 252

ANALISES DA EVASÃO SEGUNDO A OFERTA DE VAGAS DE TRANSFERÊNCIAS NA USP

Ana Amélia Chaves Teixeira Adachi

DOI 10.22533/at.ed.27620130222

CAPÍTULO 23 272

APLICABILIDADE TEÓRICO-PRÁTICA DA TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL NOS PROCESSOS EDUCATIVOS

Sérgio Caetano da Silva Junior

DOI 10.22533/at.ed.27620130223

CAPÍTULO 24 280

AS ESCOLAS TEUTO-BRASILEIRAS: UM PROJETO EDUCACIONAL

Joel Haroldo Baade
Adelcio Machado dos Santos

Joel Cezar Bonin

DOI 10.22533/at.ed.27620130224

CAPÍTULO 25 292

AS IMPLICAÇÕES DO TRABALHO INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM

Davi dos Santos Almeida

Maria de Jesus Campos de Souza Belém

DOI 10.22533/at.ed.27620130225

CAPÍTULO 26 306

ATITUDES DOCENTES COM CRIANÇAS INCLUSAS EM UMA ESCOLA PARTICULAR DE FORTALEZA

Cristiane de Oliveira Rezende

Carolina Eckrich Canuto

DOI 10.22533/at.ed.27620130226

CAPÍTULO 27 317

ATIVIDADES LÚDICAS COMO INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA APLICADA AO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DE FÍSICA

Suellen Cristina Moraes Marques

Cristiane Gomes Guimarães

Gislayne Elisana Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.27620130227

CAPÍTULO 28 327

AValiação DE SOFTWARES EDUCATIVOS PARA O ENSINO DA FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Vagner Santos da Silva

Geanderson Márcio da Costa e Silva

Josinalva Dias do Nascimento Silva

Severino Mendes da Costa

DOI 10.22533/at.ed.27620130228

CAPÍTULO 29 337

BARALHO E O PÔQUER NO ENSINO DE ANÁLISE COMBINATÓRIA E PROBABILIDADE

Rafael Cordeiro

Rodrigo Lima Almeida

Adriana Ap. Molina Gomes

DOI 10.22533/at.ed.27620130229

CAPÍTULO 30 342

BRANQUITUDE NO CURRÍCULO ESCOLAR: A NECESSIDADE DE DESNEUTRALIZAR O BRANCO

Higor Antonio da Cunha

Thamara Parteka

DOI 10.22533/at.ed.27620130230

CAPÍTULO 31	355
CARTA A QUEM OUSA RESISTIR	
Eliane Renata Steuck	
Márcia Pereira Silva	
Márcia Madeira Malta	
Vilmar Alves Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.27620130231	
CAPÍTULO 32	360
CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZA: ALGUNS ASPECTOS OBSERVADOS DURANTE A EXISTÊNCIA DA RÚSSIA SOCIALISTA	
Flávio Leite Costa	
DOI 10.22533/at.ed.27620130232	
CAPÍTULO 33	372
O PROCESSO DE LEITURA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: E UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PRÁTICA PEDAGÓGICA COM LEITURAS INFANTIS NA E.M.E.I. SANTA ROSA NO MUNICÍPIO DE ABATETUBA/PA	
Oselita de Figueiredo Côrrea	
Maria da Trindade Rodrigues de Sarges	
João Batista Santos de Sarges	
Eliane Sueli Araújo Nery	
Jhonys Benek Rodrigues de Sarges	
José Francisco da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.27620130233	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	383
ÍNDICE REMISSIVO	384

A LUTA E A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DE “PAU A PIQUE” NO ASSENTAMENTO 14 DE AGOSTO EM ARIQUEMES- RO

Data de aceite: 31/01/2020

Maria Estélia de Araújo

RESUMO: Esse artigo pretende trazer um breve fragmento da dissertação de mestrado em geografia, intitulada ‘*A trajetória de luta e as experiências agroecológicas do Assentamento “14 de Agosto” em Ariquemes – Rondônia*’, realizada entre 2014 e 2016 no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (Territorial), vinculado ao Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). A escola representa para o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) uma instituição capaz de mobilizar a comunidade assentada para a luta, tanto pela sua existência material, como para construção política pedagógica que visa à emancipação humana, considerando a falta de uma política educacional brasileira que contemple às necessidades básicas das pessoas estudantes e as especificidades das famílias camponesas. O movimento pedagógico que envolve acampamentos e assentamentos constitui-se em territórios de lutas coletivas pela “escola que queremos”, porém, os desafios para garantir uma escola que venha de encontro à formação

integral dos povos do campo, contemplando sua cultura, as formas de organização própria, tem se tornado impossível com a política neoliberal de educação, o esfacelamento causado, constitui-se em novos desafios às organizações sociais do campo. Apresentamos aqui a luta pela escola do assentamento 14 de Agosto para demonstrar um exemplo de resistência e valorização da educação, através do envolvimento comprometido da famílias, educadores e educadoras lideradas pelo MST. O resultado dessa luta apresenta-se no engajamento social e político, na construção de novos valores adquiridos pela juventude que passou por essa escola.

PALAVRAS-CHAVE: Luta por escola. Formação. Movimento Social.

ABSTRACT: This article intends to bring a brief fragment of the master’s thesis in geography, entitled ‘*The trajectory of struggle and the agro ecological experiences of the Settlement*’, 14 de Agosto, in Ariquemes - Rondônia, held between 2014 and 2016 in the Graduate Program in Territorial Development in Latin America and the Caribbean (Territorial), linked to the Institute of Public Policy and International Relations (IPPRI) of São Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). The school represents to the MST (Movement of the Landless Rural Workers) an institution capable of mobilizing the settled

community for the struggle, both for its material existence and for the pedagogical political construction that aims at human emancipation, considering the lack of an educational policy in Brazilian culture that addresses the basic needs of students, or the specific needs of peasant families. The pedagogical movement that involves encampments and settlements is a territory of collective struggles for the “school we want”, but the challenges to guarantee a school that meets the integral formation of the rural people, contemplating their culture, the forms of organization itself, has become impossible with the neoliberal education policy, the shattering caused, constitute new challenges to social organizations in the countryside. We present here the struggle for the 14 August settlement school to demonstrate an example of resistance and appreciation of education through the committed involvement of MST families, and educators. The result of this struggle appears in the social and political engagement, in the construction of new values acquired by the youth that passed through this school.

KEYWORDS: Fight for school. Formation. Social movement.

INTRODUÇÃO

A educação do campo no Brasil tem um histórico de descaso e mazelas por parte do poder público, embora a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 206, estabeleça o princípio de igualdade das condições de acesso e permanência na escola para todos, as altas taxas de analfabetismo, baixos níveis de escolaridade, índices elevadíssimos de “evasão” e repetência, distorção idade-série e falta de acesso ao conhecimento científico e a educação do campo, são uma constante realidade (ARROYO; CALDART; FERNANDES 2008; MOLINA, 2004).

A luta por escola e educação de qualidade tornou-se um princípio para o MST (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2005). A garantia das aulas no acampamento engendrou condições básicas para a permanência das famílias, ainda quando o acampamento era apenas um embrião já se planejava a organização da vida escolar, em Agosto de 1992 o MST juntamente com 180 famílias organizadas, ocupou a fazenda Shangrilá-São Sebastião, ação que por conta da ineficiência do Estado, e da ambição dos latifundiários¹ duraria 16 anos de lutas, resistências, sacrifícios, medos e esperanças até a conquista definitiva da terra. Ao longo desses anos vivenciamos uma construção coletiva do espaço escolar calcada nos valores de uma pedagogia emancipadora.

A escola Silvio Rodrigues faz parte do assentamento 14 de agosto, localizado na BR 364, entre os municípios de Jaru e Ariquemes, próximo aos grandes latifúndios surrupitados com consentimento do Estado, expulsando povos indígenas e camponeses de suas terras. Descreveremos aqui sua história a partir dos relatos obtidos nas entrevistas dos pais, mães, crianças, jovens que fizeram parte dessa luta,

1 Categoria utilizada no período para definir grandes corporações de terra.

analisando também os referenciais teóricos que envolvem a temática da educação no MST, e sob nosso olhar de educadora militante.

No caminho da escola
aprendi a admirar
o canto do passarinho
majestoso sabiá.
Minha escola construída
com a força do mutirão
o trabalho gera vida no valor da união.
Com os meninos e as meninas
não tem discriminação
pra na hora da merenda
aprender partir o pão.
Plantar horta na escola
pra chamar a atenção
como marca da vitória
que tivemos neste chão.
(ZÉ PINTO, CD Plantando Ciranda).

O PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO DA ESCOLA

Assim que a terra foi ocupada em 1992, começaram as discussões, estudos sobre a educação no MST e a organização da escola, já no primeiro semestre do ano seguinte (1993), a escola primária para crianças e adultos funcionou como uma extensão de uma escola da rede municipal de Jarú, chamada Santa Cândida, localizada na BR 364, a escola do acampamento ganhou o nome de “Oito de Março” em assembleia, no entanto, ficou oficialmente conhecida como Santa Cândida II. No ano seguinte, o nome escolhido pela comunidade passou a ser oficial, pertencendo dessa vez, ao município de Theobroma², em 1997 integrou-se definitivamente ao município de Ariquemes, após ter sido solucionado os problemas de limite entre os municípios, e o acampamento³ deixam de pertencer ao município de Theobroma, a escola recebeu por decisão coletiva o nome de Sílvio Rodrigues, militante que participou da ocupação do 14 de Agosto e que foi assassinado durante ocupação de terra no estado de Mato Grosso.

A escola legalizada foi uma das maiores conquistas, pois na época não existiam escolas em acampamentos, por se tratar de áreas de litígio. Aqui contamos com o apoio incondicional do prefeito de Jarú Dr. Ruy Luiz Zimmer e o então secretário da educação Arnaldo da Silva e sua equipe. Eram 45 crianças estudando e havia o grupo de alfabetização de jovens e adultos, através da proposta de educação do MST e do Movimento de Educação de Base (MEB), organizada pelo Projeto Padre Ezequiel — Diocese de Ji-Paraná. Uma educação onde a leitura do mundo antecipa

² O acampamento pertencia até então a este município.

³ Consideramos acampamento no período de 1992 a 1994, quando fizemos a demarcação por conta própria, e passamos a chamar de assentamento provisório, só em 2016 é que se constitui totalmente em assentamento definitivo

a leitura da palavra, como afirmava Paulo Freire (1981; 2005).

A princípio a escola foi construída em mutirão, a madeira improvisada era retirada da floresta e preparada para a construção, as paredes e o telhado eram construídos em madeira rústica, o que chamamos “pau a pique”, o piso era a terra socada com uma ferramenta pesada feita também de madeira. Valdeli, que na época estudou na escola relata,

[...] nós fizemos uma escolinha a pau a pique né? Rachada de madeira, coberto de tabuinha. (2015).



Fotografia 01 — Escola de pau a pique construída pela comunidade, crianças realizando trabalho em grupo.

Créditos: Maria Estélio de Araújo (1996)

O processo de conquista da escola foi agraciado com um momento político importante em que o partido dos trabalhadores gerenciava a prefeitura do município de Jarú, o prefeito, o secretário de educação e equipe gestora abraçou a causa da educação no acampamento 14 de Agosto, assumindo esse primeiro período da escola. E assim, o acampamento 14 de Agosto foi o primeiro a ter uma escola oficialmente regulamentada por uma secretária de educação.

A documentação foi fácil, através do Rui, nós conseguimos manter, na época eu não imaginava que podia ter **escola itinerante**⁴ e as crianças não perdeu o tempo, foi uma experiência muito importante ter uma professora, porque a gente achava difícil ter um professor no acampamento. [...] porque saber que podia ficar dois ou três anos e as crianças sem estudo seria muito difícil e foi bom para reforçar o entendimento de outras pessoas. Não poderia justificar que não ia pro acampamento porque não tinha aula, e foi uma grande alegria, né?! Naquele tempo todo mundo ficou alegre, porque ninguém esperava ter escola no acampamento. (PRATES, 2007).

4 Surge da necessidade de manter as aulas durante o período de acampamento, despejos e atividades de lutas como jornadas, mobilizações, marchas etc.

A experiência inusitada da escola itinerante, também foi um marco histórico para esse acampamento, por uma necessidade imediata vivenciamos o que veio a tornar-se anos depois em uma prática do MST. De maio ao final de junho de 1994, vivenciamos a primeira experiência dessa escola, por conta do despejo que sofremos por parte do Estado, fazendeiro e polícia militar. As aulas funcionaram em uma sala improvisada, nos fundos da antiga SUCAN (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública) organizada por funcionários do INCRA, assim, as crianças não perderam as aulas, além de que juntas estudando, brincando esqueciam o trauma da violência cometida pelos policiais ao fazerem o despejo, e as famílias ficavam tranquilizadas por saberem que as crianças estavam com o ano letivo assegurado, já as lideranças do Movimento viam essa ação como um ato político fundamental para efetivação da luta pela terra.

[...] Desde que nós fomos acampados que a escola funciona né? Nunca faltou dentro do acampamento, até chegar a essa situação aqui nunca as crianças ficou sem aula [...] (PRATES, 2015).

As lutas das crianças também faziam parte importante do conjunto das lutas do Movimento, além da organização interna para a gestão escolar, extrapolava para as ruas, demonstrando que era uma luta de todas as idades, eram também espaços de encontros com outras crianças acampadas e assentadas, momentos de formação, de lazer e cultura, de reivindicação de melhorias não só para a escola, mas para o conjunto do Movimento.



Fotografia 02 — 1º Congresso Infantil realizado pelo MST na capital Porto Velho, em 1995.

Créditos: Luiz Carlos de Lima (1995)



Fotografia 03 — 1º Congresso Infantil realizado pelo MST na capital Porto Velho, em 1995.

Créditos: Luiz Carlos de Lima (1995)



Fotografia 04 — 1º Congresso Infantil realizado pelo MST na capital Porto Velho, em 1995, audiência no Palácio do Governo de Rondônia

Créditos: Luiz Carlos de Lima (1995)

OS DESAFIOS QUE PERMEIAM A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA QUE QUEREMOS

A escola convencional está atrelada ao sistema de manutenção da sociedade capitalista, onde o Estado não tem interesse em fazer uma educação voltada para a classe trabalhadora e menos ainda, para os povos do campo. Com a política do agronegócio de expulsão das famílias do campo, o número de escolas fechadas vêm aumentando e causando um enfraquecimento do campo.

Então, pra esse modelo agrícola que o Brasil tem que é das grandes extensões de terra pra produzir grão pra exportação, é preciso tirar esse povo que atrapalha na

roça, no campo né? (ISABEL, 2015b).

O modelo educacional brasileiro de forma geral foi feito pra isso, pra formar mão de obra, então o objetivo da escola capitalista é formar mão de obra, e tirar a juventude do campo, então as escolas diminuiu de quantidade de alunos, e muito! (CAMILO⁵, 2015b).

A partir do final da década de 1990, surge o movimento de educação do campo, o MST, precursor desta luta (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004; KOLLING; NÉRY; MOLINA, 1999), se junta a outros movimentos sociais do campo, como a CONTAG, MPA, Movimentos quilombolas e indígenas, passando a incidir nas políticas públicas ao criar as Diretrizes Operacionais básicas para as escolas do campo (BRASIL, 2012). No entanto, os interesses Estatais prejudicam sua aplicação.

O Estado tem muita dificuldade de fazer isso porque discutir a educação do campo sob o princípio da Via Campesina, que o Movimento Sem Terra propõe, que o Movimento dos Pequenos Agricultores, que nós propomos [...] é impossível pro Estado fazer [...] que o Estado tem a sua posição clara a favor da classe dominante o Estado brasileiro é um Estado burguês, capitalista que atenta aos seus interesses. (JOSÉ⁶, 2015b).

Com a implantação do modelo de polarização⁷ das escolas do campo, ocorre o fechamento das escolas multisseriadas que existiam a cada 4 km ao longo das linhas/estradas, e passa-se a construir escolas polos para onde as crianças são transportadas em ônibus escolares⁸, são construídas no campo, mas em muitos casos as crianças e adolescentes são levados para a cidade, o que representa um problema maior pelo fato de perderem o vínculo com o campo ao passarem a conviver com uma realidade diferente. Em geral as condições das estradas são precárias fazendo com que as crianças passem a maior parte do tempo para chegarem à escola e para retornarem às suas residências, algumas precisam sair muito cedo de suas casas, pois são escolas que estão há mais de 50 km de distância, nesse trajeto sofrem transtornos físicos, às vezes sem água, sem alimentos, péssimas condições dos transportes, poeira e os transtornos psicológicos, principalmente para as crianças menores⁹, longe de sua família, sem a segurança de que horas irão chegar, e se irão chegar bem, principalmente no período chuvoso, preocupação maior para seus pais.

No assentamento 14 de Agosto, ainda que nossa escola estivesse apenas há

5 Nasceu no acampamento e estudou as séries iniciais do ensino fundamental na escola do Silvio Rodrigues.

6 Militante do MPA, assentado no 14 de Agosto.

7 Concentração das escolas que antes funcionavam nas comunidades, em um único prédio, geralmente no sítio, mas em alguns casos são nos centros urbanos.

8 Algumas regiões do Brasil como o nordeste, em caminhões, estes transportes são geralmente sem segurança o que já levou à morte de crianças em acidentes que ocorrem cotidianamente, em Ariquemes duas crianças morreram na BR 364 em 2007, vítimas do transporte escolar, além de outros casos em municípios e datas diferentes. Com as lutas sociais as prefeituras vêm equipando melhor suas frotas, hoje já existe o Programa de Apoio ao Transporte Escolar (PENAT) art. 4º da Lei nº 9.424, de 24 de dezembro de 1996.

9 A partir dos 5 anos.

oito KM da escola polo, sendo que destes, seis são pavimentados, ainda assim, travamos uma batalha¹⁰ para a sua manutenção em 2008, por compreendermos a importância da escola na comunidade e dos direitos da crianças, mantivemos seu funcionamento¹¹.

[...] nós não aceitamos que o município fechasse a nossa escola nós mantivemos ela aqui. (ISABEL, 2015b).

Mantivemos – a, pôr compreendermos que a escola formal não atende aos nossos interesses. As relações culturais que perpassam pela vida no assentamento fazem parte da formação integral destas crianças e jovens, é no interior da comunidade, que se dão as principais lições de vida e amor a terra, para nós a educação transcende o espaço físico da escola e aflora para a vida.

[...] nós temos uma briga muito grande pra manutenção da escola na comunidade. [...] Mas a perspectiva é fechar essas escolas e pra nós a escola na comunidade ela tem um papel fundamental né? que é o elo de relação dessas crianças com o espaço de vida que ele tem, com a terra, com os animais, com a floresta, com a água, com as nascentes, né? E isso é o que permite você estar ali no seu espaço local de vivência diária e cotidiana né? (ISABEL, 2015b).

Atualmente com a política de esvaziamento do campo, expulsando as famílias para os centros urbanos, o fechamento das escolas tornou-se incontornável a alternativa que resta quando a comunidade não consegue lutar para garantir seus direitos é vender a propriedade para ir para a cidade, ou submeter às condições impostas.

A ESCOLA QUE QUEREMOS

O setor de Educação do MST, com várias frentes desde a educação infantil até às universidades, caminha desde seu surgimento para uma educação voltada para o campo. Essa seria uma educação de Paulo Freire: “do povo e com o povo”. Fomos associando outros estudiosos, porque é também uma escola do trabalho, da autogestão, como Makarenko e Pistrak (LUEDEMANN, 2002; PISTRAK, 2005). A proposta de Paulo Freire foi, contudo, nossa principal base por estar calcada nos

10 A escola Sílvia Rodrigues também recebeu ordem de fechamento, mas houve a resistência e as lutas, não admitíamos o fechamento. Durante quatro meses a escola funcionou ‘ilegalmente’, sem o reconhecimento da secretaria de educação. Embora tivéssemos medo de que não fôssemos vitoriosos mantivemos as aulas normalmente, as crianças estavam presentes todos os dias, com o apoio de suas famílias que, entre outras contribuições, preparavam a merenda coletiva.

11 Até 2008 o município de Ariquemes tinha 86 escolas no campo, atendidas por 78 profissionais da educação, atualmente são quatro (duas em assentamentos do MST). Em Rondônia, entre os anos de 2000 e 2011 foram fechadas mais 70% das escolas do campo. (I Seminário Estadual de Educação dos Movimentos e Organizações da Via Campesina-RO, nos dias 12 e 13 de fevereiro de 2016, em Ouro Preto d’Oeste- RO). Na última década foram fechados mais de 37,000 estabelecimento em todo o país, só em 2014 foram 4084. Fonte: Censo Escolar INEP (2014).

princípios de respeito, justiça social, valorização e crença no ser humano.

Para nós marxistas, a escola faz parte da superestrutura ideológica edificada na base da produção, em bases sociais bem determinada que não dependa da vontade dos indivíduos e dos reformista. Na sociedade dividida em classes dominantes, ou abertamente e — então não haveria condições de lhe atribuir um papel realmente cultural, isto é, de pô-la a serviço da libertação das classes exploradas, que compõe a maioria da população (PISTRAK, 2005, p. 108).

A organização do trabalho também constituiu um processo valioso que deu condições para a juventude hoje, estar à frente nos diversos espaços organizativos. O trabalho é um princípio educativo, e indiferente à idade, ou tipos de sociedade, em se tratando de uma sociedade com valores comuns todo trabalho produtivo que garanta a qualidade da vida social deve ser visto como primordial (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2005). Valdicéia veio com sua família no início da ocupação (1992), estudou na escola do acampamento e atualmente trabalha com a produção agroecológica juntamente com sua família.

[...] no trabalho lembro do embelezamento, a gente usava flores e priorizava a organização dentro da própria escola, mesmo sendo um barracinho era bem organizado, nas divisões de tarefas todos participavam (VALDICÉIA, 2007).

[...] nesta escola eu aprendi a viver no campo e no assentamento e aprendi que não se pode maltratar a terra e a viver em harmonia com a natureza, as tarefas que não sabia, místicas e músicas, poesias e brincadeiras [...] (JUSSARA, 2007).



Fotografia 05 — Horta medicinal

Créditos: Maria Estélio de Araújo (1994)



Fotografia 06 — Trabalho em mutirão com as crianças

Créditos: Maria Estélio de Araújo (2007)

A juventude, sem nenhuma dúvida internalizou esse movimento pedagógico transformando-o em ação diária de luta, formação e trabalho, militância, cultura e mística. E assim, o MST segue nesta perspectiva de uma filosofia de transformação dos sujeitos e o envolvimento na luta e na organização dos assentamentos, desde a cultura até a produção de alimentos saudáveis. Fernandes; Cerioli e Caldart, 2004 afirmam que a educação precisa sobretudo, de intervir no sentido amplo do processo de formação humana, construindo referências culturais e políticas que possam intervir na formação e atitudes das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, “visando à humanidade mais plena e feliz”.

[...] porque a nossa juventude tem um diferencial [...] nas mobilizações, [...] porque tão preocupado em que é preciso organizar a coisa aonde vive, aonde participa. [...] E sem perder o vínculo do camponês, sem perder o vínculo de camponês, se assumindo como camponês, então eu acho que isso é um legado que a gente conseguiu, pelo menos até o momento, a gente conseguiu transferir pra juventude [...] (ISABEL, 2015b).

Essa educação que o MST prega hoje, é essa agroecologia que a gente discute, é a cooperação [...] é o trabalho coletivo e tal...juntando todo esse negócio, eu imagino que essa educação, ela vai trazer pra essa remessa de jovens e crianças, outra vida, isso é o que eu imagino...essa consciência que a gente fala, essa questão de você conhecer as ofertas do capitalismo e conhecer a saída do camponês, diferencia uma coisa da outra, diferenciar a luta, aquilo que você faz, o que é você viver no campo, viver num assentamento, num trabalho coletivo né? (ELMI, 2015).

A proposta pedagógica tem seus princípios na pedagogia da luta pela terra, e pela sociedade que almejamos para a classe trabalhadora. Fica comprovada a diferença entre a escola tradicional e a proposta de Educação do MST quando o envolvimento da comunidade assentada se torna referência na luta pela sua conquista e pela sua permanência, como é a história da Escola Sílvio Rodrigues.

Segundo Caldart, 2013, se buscava a conquista e a organização da escola, a luta por direitos sociais, no entanto, veio a percepção e compreensão de que o direito ao lugar da educação não é negado apenas às famílias sem-terra, mas também outras famílias pobres do campo e da cidade, tanto a estrutura formal como a pedagogia desenvolvida não acolhe esses povos como povos de direito, com saberes e culturas próprias.

A rigidez da escola formal, não contribui com o desenvolvimento, não educa melhor e não cria um sentimento de prazer pelo estudo. Ao saírem da escola do assentamento para a escola convencional, entram em choque muitas vezes, ao se depararem com uma estrutura envelhecida, cinzenta e solitária, onde predomina um sistema excludente de avaliação, não levando em conta os valores humanitários. A escola “bancária” descrita por Paulo Freire não aproveita a escola como lugar para reflexões e aprendizados relevantes na formação destes que lhes são confiada a responsabilidade de educar, ao contrário, torna a geração de estudante em pessoas com conhecimento científico defasado, e impossibilitados de aproveitar os conhecimentos escolares para transformar o mundo à sua volta, além de pessoas com valores individualistas que perdem a capacidade de indignação face às injustiças sociais.

[...] lá é totalmente diferente, a gente acostuma com aquela rotina, então quando a gente vem pra cá, é um balde de água fria [...] com professor falando que você tem que estudar, porque se não estudar não vai virar nada, e tem que sair do campo, e lá a gente ia pra ficar no campo, estudar pra isso [...] e você e a professora avaliava se a gente tinha condição de passar ou não. Aqui tem que ter a média, senão tirar a média... sofreu bastante com isso. (OLGA¹², 2015).

[...] era um espaço diferenciado, os alunos estudavam todos na mesma sala, e era um professor só que facilitava a interação e o aprendizado, e por ser uma escola do Movimento, com professor do Movimento, tem toda uma outra ideologia [...] que é uma ideologia toda formada do Movimento mesmo, uma ideologia de esquerda, e a gente cresceu aí nesse processo, e tem o Grupo Coletivo que contribuiu muito pra anexar e somar com a formação da escola, e pra gente já vir pra essa escola desse modelo, com a consciência mais firme e com uma ideologia mais esclarecida. (CAMILO, 2015b).

Josiane e Valdicéia retratam essa diferença, fala da importância de desenvolver “ideias” em fazer com que o apreendido sirva para intervir no mundo, compreendendo e contribuindo para uma vida melhor.

Tem muita diferença [...] Aqui não era uma simples escola, normal. Eu acho que você vai pra escola pra desenvolver ideias [...] Você tem que saber do mundo em volta. Aí quando você vai tendo a base. A diferença é muito grande [...] (JOSIANE, 2015).

Eu achava importante o método de ensino, o uso do Jornal Sem Terra [...] era a forma de adquirir conhecimento político. A escola influenciou muito em minha formação e eu pude ver que não era uma luta só pela terra e mesmo sendo criança eu conseguia visualizar um mundo diferente. (VALDICÉIA, 2007).

A relação educador/educadora, educandos e educandas é um outro fator relevante na valorização do campo. No assentamento essas relações são de reciprocidade, amizade, companheirismo, não há a hierarquia imposta na escola tradicional, todos se encontram no mesmo patamar de igualdade, pois estarem ali na condição de orientadores e orientadoras não os dá direito de sobrepor-se aos que estão na condição de aprendizes. Vivenciamos os tesouros da vida no campo, onde realmente os pés descalços, os banhos de chuva, as frutas maduras, as ninhadas de pintinhos, o cheiro da terra, a sensação de ar fresco, o canto dos pássaros, as brincadeiras compõem o nosso universo, que não deve ser desprezado em função de uma concepção conteudista de educação (FREIRE, 2005, 2011).

Olha, a diferença maior assim... é a relação entre aluno e professor, porque o professor que conhece a sua realidade conversa com seu dia a dia, sabe quem realmente você é [...] então eles querem levar essa juventude toda pra cidade, professor e tudo, e eles não dialogam com o sítio, não sabem o que é essa vida aqui, não sabe o que é essa felicidade de poder tá aqui, e daqui a pouco tá correndo com o pé no chão ali, e pode tá brincando né? Acho que a diferença maior é essa relação. (BEATRIZ¹³, 2015).

Quando analisamos a escola do MST, os limites e imposições da escola tradicional ficam explícitos. Para os que experimentaram a escola fora do assentamento, ficou um vazio, ao compararem uma escola com a outra, dão conta de compreenderem os limites de uma escola onde os saberes são repassados, se resume à transmissão de conhecimento, não há trocas (FREIRE, 2005). Anne Gabriela, nasceu no acampamento em 1994, atualmente militante, e experimentou a escola convencional já nas séries iniciais do ensino fundamental.

A outra escola era muito limitada. Eu fazia o que o professor mandava, e na sala de aula eu não tinha o direito de expor minhas ideias [...] E já na outra escola do assentamento... com professor do acampamento naquele período, a gente podia criar. (ANNE GABRIELA, 2015).

A escolinha do Movimento ela não ensina só a você aprende a lê um livro e explique o que você aprendeu no livro. Ela quer que você saia e pratique o que você aprendeu. Que nos livro vêm dizendo que nós temos que cultivar isso, aquilo, pra preservar o meio ambiente e tudo, mas ali é só no livrinho, eles não se preocupa em pegar uma muda e plantar. (VILMAR, 2015).

A escola tradicional tem o papel de incutir nas crianças, jovens e adolescentes a ideia de estudar para sair do campo, diminuindo o campo a um lugar ruim e a cidade como única possibilidade de viver. O sistema educacional usa a figura do professor/professora para discriminar a agricultura.

Então o aluno que está lá, está lá pra estudar pra poder se formar, porque ele

13 Veio com sua família integrar-se ao assentamento por conta das maneira de condução da luta do MST, principalmente a educação. Atualmente é estudante e militante do MST, trabalha a agroecologia com seu grupo familiar.

precisa de 'sair dessa'. Tipo assim, tá no campo é tá 'nessa'. Então você precisa sair dessa, precisa ir pra cidade pra ser um "cara", um...engenheiro agrônomo, mas você tem que sair do campo? Você precisa ser um professor ou um pedagogo, você tem que sair do campo? [...] (ELMI¹⁴, 2015).

Há que se fazer transformações, recriar os currículos escolares tendo em vista que a organização do processo educativo não pode ser entendido como mero local de transmissão de conhecimentos teóricos, e sim, da construção de um espaço que contemple “[...] a relação com o trabalho na terra, desenvolver o amor ao processo de cultivá-la como parte da identidade do campo, independentes das opções profissionais que podem ter ou não” (KOLLING; NÉRY; MOLINA, 1999, p. 67-68).

O elemento que marcou profundamente essa geração de estudantes foi a mística¹⁵ do MST, que extrapolava os limites dos conteúdos repassados nas salas de aulas, ia além de fórmulas memorizadas para se repetir na prova. Nessa perspectiva, a mística era um elemento aglutinador das histórias de vida, sentimentos de pertença, da reafirmação da identidade de ser um **Sem-Terra** (CALDART, 2004). A conjugação desses elementos para um estranho não significa nada, mas para eles e elas representa a própria vida que não resume a sua vinculação individual, mas ultrapassou, quando jovens passaram a entender e a sentir o real significado da mística (BOGO, 2002), “alimento ideológico, de esperança, de solidariedade” (STÉDILE; FERNANDES, 2005).

E dentro da escola era o estudo, mas junto com a cultura do assentamento. E a gente fazia os teatros, cantava músicas... atividades que na outra escola não tinha como fazer. (ANNE GABRIELA, 2015).

[...] tinha música (Na minha época era o CD Plantando Ciranda que era o 1. vol. 1...e aquilo eram as nossas músicas) que às vezes na sala de aula normal professor não ensina menino cantar. É o que pode ou não pode. É regra. Aqui a gente começa a criar... vamos supor, “o menino livre¹⁶.” O colega te ensina, o compartilhamento de conhecimento. Tem uma diferença enorme que a gente vai vendo. A gente vai carregando isso, a gente não perde. E assim eu espero que aconteça com o Gustavo [filho]. (JOSIANE, 2015).

14 Militante do MST.

15 “A mística é uma prática que o movimento desenvolve. [...] para o MST, é um ritual. Ela tem um caráter histórico, de esperança, de celebração permanente. “[...] um fator de unidade, de vivenciar os ideais [...] (STÉDILE; FERNANDES, 2005, p. 130).

16 Refere-se à música infantil- Plantando Cirandas 3 Disponível em: <http://www.mst.org.br/2017/12/06/plantando-cirandas-3.html>. Acesso: 03/11/2019.



Fotografia 07 — Escola Silvio Rodrigues

Créditos: Equipe Bodoque Cine Vídeo (2015)

Atualmente a escola segue enfrentando os desafios impostos a cada dia, pressão por parte da secretaria de educação para que as famílias abram mão da escola, descaso em relação à estrutura física e pedagógica da escola, a cada dia, uma batalha para mantê-la funcionando depois de mais de 27 anos. O que faz uma comunidade lutar tanto por uma escola primária, multisseriada, que em determinados anos contam com um número pequeno de crianças, e que as famílias precisam se organizar para fazer a merenda escolar, a limpeza da escola? Onde tiram forças para seguirem lutando? Qual a importância da educação nesse processo de luta pela terra e formação de jovens comprometidos com as causas sociais, com a cultura, a arte, o trabalho agroecológico? Ao pensar nas respostas para essas e outras perguntas, analisamos a importância da educação na transformação social, e qual o papel do Movimento Social na condução de uma educação emancipatória de fato.

CONCLUSÃO

A proposta de educação do MST tem uma funcionalidade palpável, concreta, e isso fez com que as famílias lutassem (e continuam a lutar) pela escola com tanto afinco, podemos dizer que a Escola Sílvio Rodrigues tem uma história de luta e resistência fundamental nesse assentamento, que se constitui como referencial de envolvimento e comprometimento das famílias assentadas. Romper com a falta de conhecimento, torna-se uma luta diária. O Movimento segue reafirmando a importância da educação, nos dias atuais vivenciamos um desfalque dos direitos sociais como um todo, a política neoliberal avança sobre a implantação do Estado mínimo e impõe políticas educacionais retrógradas.

No Estado de Rondônia essas políticas estão muito presentes, a polarização

e fechamento de escolas no campo, a mudança do ensino médio transformado em educação com mediação Tecnológica, onde não há condições básicas como internet, as aulas ministradas por profissionais de áreas deslocadas e a própria metodologia do programa não é capaz de obter uma educação minimamente qualificada, haja vista que a disparidade entre os conteúdos oferecidos e a falta de preparo dos educandos para recepcioná-los, deixando o povo à mercê dos seus direitos. E ainda, a imposição das escolas militares tem se constituído em uma afronta à construção da escola emancipadora que viemos buscando. Isso tudo se converte em novos desafios de luta por essa escola do campo calcada nos valores humanos, éticos, políticos, sociais e culturais que contemplem à classe trabalhadora, as escolas dos assentamentos do MST demarcam relevantes territórios de lutas coletivas para a conquistas desses valores e princípios.

REFERÊNCIAS

- ANNE GABRIELA. **Entrevista** [13 mar. 2015]. Entrevistadores: Maria Estélio de Araújo e Equipe Bodoque Cine Vídeo. Ariquemes, 2015. Áudio digital (ca. 37: 54 mim).
- BOGO, Ademar. Vigor da Mística. **Caderno de Cultura**, n. 2. São Paulo: MST, 2002.
- BEATRIZ. **Entrevista** [22 mar. 2015]. Entrevistadores: Maria Estélio de Araújo e Equipe Bodoque Cine Vídeo. Ariquemes, 2015. Áudio digital (ca. 02: 15 mim).
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- CAMILO. **Entrevista** [15 mar. 2015]. Entrevistadores: Equipe Bodoque Cine Vídeo. Ariquemes, 2015b. Áudio digital (ca. 12: 32 mim).
- ELMI. **Entrevista** [22 mar. 2015]. Entrevistadores: Equipe Bodoque Cine Vídeo. Ariquemes, 2015. Áudio digital (ca. 1: 02: 40 mim).
- FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Roberto e CALDART, Roseli Salete. Primeira Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo: texto preparatório. In: ARROYO, Miguel Gonzales, CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. Vozes, 2004. p. 19-63.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- ISABEL. **Entrevista** [15 mar. 2015]. Entrevistadores: Maria Estélio de Araújo e Equipe Bodoque Cine Vídeo. Ariquemes, 2015b. Áudio digital (ca. 2: 34: 20 mim).
- JOSIANE. **Entrevista** [14 mar. 2015]. Entrevistadores: Equipe Bodoque Cine Vídeo. Ariquemes, 2015. Áudio digital (ca. 1: 23: 40 mim).
- JOSÓÉ. **Entrevista** [27 mar. 2015]. Entrevistadores: Equipe Bodoque Cine Vídeo. Ariquemes, 2015b. Áudio digital (ca. 17: 21 mim). LUEDEMANN, Cecília da Silveira. **Makarenko, Anton: Vida e obra a Pedagogia da Revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.
- JUSSARA. **Entrevista** [15 jun. 2007]. Entrevistadora: Maria Estélio de Araújo. Ariquemes, 2007. Word

(1 p.)

KOLLING, Edgar Jorge; IR. NÉRY; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma Educação Básica do Campo**. Brasília, 1999.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Dossiê MST e a escola**: documentos e estudos 1990 - 2001. Caderno Educação, n. 13. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

OLGA. **Entrevista** [15 mar. 2015]. Entrevistadores: Maria Estéla de Araújo e Equipe Bodoque Cine Vídeo. Ariquemes, 2015. Áudio digital (a. 03: 15 mim).

PISTRAK, Moisey M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**: São Paulo: Expressão Popular, 2005.

PRATES. **Entrevista**. [17 jun. 2007]. Entrevistadora: Maria Estéla de Araújo. Ariquemes, 2007. Word (2 p.).

_____. **Entrevista** [25 mar. 2015]. Entrevistadores: Maria Estéla de Araújo e Equipe Bodoque Cine Vídeo. Ariquemes, 2015. Áudio digital (ca. 1: 25: 12 mim).

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente**: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. 3 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

VALDELI. **Entrevista** [25 mar.2015] Nós, o 14 de Agosto. In: Vimeo. Vídeo (ca. 21.03 mim). Produção e direção Bodoque Cine Vídeo. Disponível em: <<https://drive.google.com/open?id=0B3G5dDbMr18vRmZHYWxlSkhEQTQ>> Acesso em: 15 mar. 2015. (ca. 6: 13 mim)

VALDICÉIA. **Entrevista** [17 jun. 2007]. Entrevistadora: Maria Estéla de Araújo. Ariquemes, 2007. Word (1 p.).

VILMAR. **Entrevista** [23 mar. 2015]. Entrevistadores: Equipe Bodoque Cine Vídeo. Ariquemes, 2015. Áudio digital (ca. 1: 28: 47 mim).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acordo Bilateral Brasil/EUA 184

Alfabetização 11, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 61, 90, 163, 173, 174, 181, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 305, 366

Amor 17, 73, 95, 100, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

Apoio 14, 69, 79, 81, 90, 94, 95, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 169, 182, 202, 235, 282, 283, 285, 286, 298, 310, 366, 383

Aprendizagem 3, 11, 20, 22, 27, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 74, 81, 82, 83, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 137, 139, 141, 143, 146, 148, 165, 166, 167, 169, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 210, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 226, 227, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 270, 271, 273, 278, 286, 287, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 305, 308, 310, 314, 316, 317, 318, 319, 326, 328, 329, 332, 335, 336, 337, 339, 372, 373, 374, 375, 376, 378, 379

Avaliação 31, 52, 59, 62, 77, 78, 79, 80, 84, 87, 98, 152, 153, 162, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 191, 193, 206, 207, 221, 222, 239, 269, 272, 276, 314, 327, 329, 331, 332, 334, 336, 377

Avaliações externas 77, 78, 84

C

Card games 26, 27, 32

Congresso nacional 20, 36, 37, 38, 163, 206, 336

Cuba 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 363, 366

Currículo escolar 137, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 201, 202, 332, 335, 338, 342, 344, 350, 351, 352

D

Deficiência visual 49, 54, 55, 56, 57, 107, 207

Desenhos táteis 49, 51, 52, 54, 55, 56

Dificuldade 60, 65, 66, 94, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 176, 178, 179, 180, 200, 219, 228, 236, 242, 271, 277, 298, 328, 345, 374, 376, 377

E

Educação 2, 3, 4, 5, 10, 11, 12, 13, 14, 23, 24, 26, 28, 29, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 56, 57, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 105, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 122, 123, 125, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 251, 252, 253, 254, 261, 269, 270, 271, 272, 273, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 287, 288, 290, 292, 293, 296, 297, 301, 304, 305, 306, 308, 309, 310, 311, 312, 315, 316, 326, 328, 329, 334,

336, 341, 342, 345, 349, 350, 351, 352, 353, 355, 360, 366, 371, 374, 375, 379, 380, 382, 383
Emancipação 11, 18, 23, 88, 162
Ensino 3, 4, 5, 12, 15, 24, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 46, 47, 48, 56, 58, 59, 62, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 94, 98, 99, 102, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 186, 191, 199, 201, 203, 204, 205, 206, 208, 210, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 237, 253, 254, 269, 270, 271, 273, 277, 279, 285, 286, 287, 288, 292, 295, 296, 299, 300, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 315, 317, 319, 321, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 358, 360, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 379, 381, 383
Ensino fundamental 38, 68, 81, 94, 99, 137, 138, 139, 140, 145, 146, 147, 148, 173, 177, 178, 179, 182, 208, 212, 218, 296, 307, 309, 311, 341, 372, 376, 377
Escola 2, 3, 4, 5, 12, 19, 27, 28, 33, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 56, 59, 60, 61, 62, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 107, 108, 109, 110, 111, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 151, 154, 158, 159, 160, 166, 173, 174, 176, 177, 179, 180, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 199, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 211, 212, 214, 215, 218, 227, 228, 231, 235, 236, 237, 240, 277, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 294, 296, 297, 299, 300, 301, 303, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 318, 319, 324, 326, 335, 338, 348, 353, 357, 358, 359, 372, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 382
Estado da arte 150, 151, 152, 153, 154, 158, 161, 162, 163, 269, 333
Estudos de gênero 150, 151, 153, 155, 156, 158, 159, 161, 162
Ética 21, 22, 113, 115, 119, 120, 121, 141, 143, 148, 201, 209, 214, 250, 359
Eudaimonia 113, 114, 119, 120

F

Formação 10, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 33, 35, 59, 62, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 92, 95, 97, 98, 101, 107, 108, 109, 113, 122, 123, 124, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 168, 169, 172, 186, 187, 189, 190, 191, 204, 205, 206, 207, 210, 211, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 231, 232, 233, 237, 238, 239, 250, 251, 255, 268, 269, 274, 277, 282, 283, 290, 291, 294, 296, 301, 302, 303, 304, 307, 312, 313, 314, 316, 326, 341, 345, 346, 350, 358, 359, 362, 372, 373, 375, 376, 380, 381, 383

H

Hegemonia capitalista 184, 197

I

Identidade escolar 78

Inclusão 5, 50, 51, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 107, 137, 151, 154, 162, 199, 200, 203, 205, 206, 207, 208, 212, 214, 216, 308, 309, 310, 311, 313, 315, 316, 347, 358

Iniciativa privada 36, 37, 41, 42, 43, 46, 47

Intervenção pedagógica 173, 182, 297, 298, 299, 317

J

Jogos didáticos 26, 28, 33, 35, 67

L

LDB 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 75, 207, 311, 375, 382

Libras 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 69, 70, 75, 76

Língua portuguesa 139, 144, 145, 173, 175, 177, 178, 181, 182, 222, 295, 328, 381

Lúdico 32, 33, 58, 59, 64, 65, 66, 216, 217, 218, 221, 222, 300, 317, 319, 321

Luta por escola 88, 89

M

Maestros 11, 14, 16, 20, 21, 23

Matemática 17, 18, 107, 109, 139, 150, 152, 155, 158, 163, 173, 175, 177, 178, 179, 181, 182, 212, 256, 257, 258, 259, 261, 263, 264, 265, 266, 267, 295, 319, 328, 337, 338, 339, 341

Movimento social 88, 101

O

Organização escolar 78, 202

P

Paideia 76, 113, 114, 115, 121, 122

Papel microcapsulado 49, 50, 51, 52, 54, 56

Pluralidade cultural 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

Professor 4, 5, 12, 14, 18, 21, 23, 26, 27, 28, 33, 34, 43, 58, 59, 63, 66, 67, 69, 70, 71, 75, 76, 82, 83, 84, 91, 98, 99, 100, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 141, 142, 145, 146, 147, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 178, 179, 180, 181, 182, 198, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 210, 211, 212, 215, 218, 219, 222, 229, 231, 232, 234, 235, 236, 269, 283, 284, 287, 297, 298, 299, 303, 306, 310, 312, 313, 314, 319, 324, 327, 332, 333, 334, 335, 336, 338, 349, 355, 357, 360, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381

Profissão docente 164, 169

Programa de saúde 26, 28, 29, 33

R

Resistência/desistência 164

S

Sexualidade 2, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 383

Síndrome de burnout 164, 172

Surdez 4, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 107, 241

Surdos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 10, 69, 70, 72, 74, 76

T

TDAH 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 109, 111, 240

 **Atena**
Editora

2 0 2 0